

**Dalila D'Alte Rodrigues - Docente de EV do Agrupamento de Escolas Eugénio dos Santos (texto)**

ULTRAPASSAR A ROTINA E MELHORAR A EDUCAÇÃO EM PORTUGAL
Há quatro anos, o JL entrevistou-me a propósito do meu livro recém-publicado «A infância da Arte, a arte da infância», editado pela ASA. «O direito à expressão», título dessa entrevista, é o mesmo direito que reclamo para dizer agora o que penso sobre o futuro da Educação em Portugal. Faço-o com base num exemplo recente da minha experiência profissional de 34 anos, especificamente na área da Educação Visual, Expressão Plástica e Educação Artística.

No final do último ano lectivo, propus ao Agrupamento da Escola Eugénio dos Santos, onde lecciono, um curso anual, teórico-prático, no âmbito da Expressão Plástica e da Educação Artística, dirigido aos pais, professores, educadores, funcionários da Escola e alunos vocacionados. Sendo um tema que tenho vindo a aprofundar como formadora, pareceu-me vantajoso dar este contributo, integrando o referido curso na minha “componente não-lectiva”.

Tratando-se de um curso não circunscrito aos alunos vocacionados, justificava-se a sua realização em horário pós-laboral. Seria uma forma de abrir a Escola à comunidade e de desempenhar a tarefa de professora de forma mais ampla.

Lamentavelmente, tal não foi possível. Analisada a minha proposta em Conselho Pedagógico, concluiu-se que o curso era do maior interesse, mas inviável, por não se enquadrar na legislação referente ao Despacho 13599 / 2006, de 28 de Junho, do Gabinete da ministra da Educação, que diz respeito à “Componente não Lectiva” do trabalho em estabelecimentos de ensino.

Pergunto: é com despachos destes, agravados pela desconsideração crescente pelos direitos dos professores e educadores deste país e sua conseqüente desmotivação, que vamos contribuir para a melhoria da Educação em Portugal?

Não se pode desrespeitar a competência pedagógica dos professores e educadores, nem dificultar ou impedir a concretização das suas reais capacidades de iniciativa, se queremos, de facto, ultrapassar a rotina e melhorar a Educação em Portugal. Apesar de todos os obstáculos, há muitos professores que conseguem superá-los, com inegável brio profissional, digno do maior louvor e admiração.

Estou certa de que a minha atitude, ao referir um caso pessoal, converge com a de muitos colegas em situação idêntica. Compete a cada um falar da sua própria experiência, com isenção e sem demagogia, arma a que os políticos de carreira recorrem com frequência, enganando tudo e todos, apenas com o objectivo de se manterem no Poder. O resultado é o que se tem visto. Estamos saturados desse modo de fazer política, cada vez mais desacreditada.

É bom que se diga que o caso geral da classe docente não é senão o somatório de muitos casos pessoais, com denominadores comuns. Ninguém está verdadeiramente só. Neste contexto, a convergência e a divergência de opiniões são aspectos complementares da mesma realidade humana. Daí, o respeito pela personalidade de cada um. O educador ocupa-se fundamentalmente da formação da pessoa. E cada pessoa é um caso. A Expressão, seja plástica, verbal, corporal ou musical, é a revelação do ser. Nesta perspectiva se reconhece, cada vez mais, a importância da

Educação Artística nos programas escolares, desde o Ensino Básico ao Ensino Universitário. Por isso, não se compreende que um curso com as características do que propus tenha sido pura e simplesmente inviabilizado por um Despacho ministerial.

Dalila d' Alte Rodrigues
15 de Outubro de 2006